

Das mezinhas do Novo Mundo: plantas medicinais na América Portuguesa do século XVI

Gabrielle Legnaghi de Almeida (PIC/UEM), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: glegnaghi@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

CIÊNCIAS HUMANAS / HISTÓRIA / HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Palavras-chave: América portuguesa; Século XVI; Plantas medicinais; História das Ciências;

Resumo: Esta comunicação busca apresentar os resultados da pesquisa de iniciação científica “Das mezinhas do Novo Mundo: plantas medicinais na América Portuguesa do século XVI”. Onde buscou-se analisar e compreender o impacto e importância dos elementos botânicos presentes na América Portuguesa, destinados para fins medicinais, a partir de relatos, cartas e tratados produzidos no período. Para além, fez-se importante entender como esses registros impactaram e afetaram os modelos de classificação da Filosofia Natural europeia do século XVI, e ainda, compreender como a flora nativa foi aplicada sob a égide da medicina hipocrática-galênica.

Introdução

Segundo o pensamento cristão, o universo está organizado de acordo com a máxima da existência de um ente supremo e divino que o comanda. Partindo deste pensamento, o homem apresenta-se como um administrador terreno deste mundo natural, em que, munidos da ideia cristã medieval, encontrou na natureza uma referência para entender a condição humana. O historiador inglês Keith Thomas (1989), ao dedicar-se à estudos sobre a teologia e o mundo natural dos períodos de 1485 à 1714, destaca a teologia como uma ferramenta que legitimava a relação de domínio e controle do homem sobre a natureza, levando a crer que a mesma é um recurso disponibilizado pelo criador, devendo ser amplamente utilizado a serviço da humanidade. (THOMAS, 1989).

Alfred Crosby em seu livro “Imperialismo Ecológico”, de 2011, aborda sobre os mares interiores que dividiam a América do Sul e a Eurásia em dois subcontinentes. Cada continente possibilitou diferentes formas de vida, e que se desenvolvessem de maneira independente, corroborando para a formação de uma natureza distinta da que compõe o cenário europeu. (CROSBY, 2011). Com isto, o impacto visual do meio natural brasileiro chocou e desafiou os anseios dos desbravadores, provocando os seus instintos e técnicas de sobrevivência. Longe da Eurásia e em um ambiente configurado de maneira diferente, tiveram que apoiar-se na natureza como sua principal provedora de recursos, validando o pensamento anterior de que a natureza está disposta em função das necessidades humanas. (THOMAS, 1989).

A extração de óleos, como o da *Copaíba*; a ingestão de folhas, como as da *Caraobamirim*; o uso de raízes, como a da *Ipecacuanha*; ou até mesmo a

defumação com o fumo de *Petigma* são evidenciados nos relatos do período, onde atuam no papel de auxiliares no desafiador processo de sobrevivência nos trópicos. Essas plantas, já conhecidas entre os habitantes das Américas, só fizeram parte dos saberes do europeu graças ao conhecimento empírico, somado aos métodos de classificação estabelecidos pela Filosofia Natural do período, o que acabou por contribuir para a manutenção da saúde e equilíbrio do corpo, não restringindo-se apenas nos proveitos alimentícios. E ainda, corroborou para a propagação e intercâmbio de elementos naturais entre o Novo e o Velho Mundo.

Ao analisar as fontes selecionadas e seu conteúdo, pode-se compreender a figura do jesuíta não só como disseminadores da fé ou de sua religião, mas também como agentes ativos nas práticas médicas da colônia, já que a escassez de profissionais da saúde tornou-se um problema diante dos perigos da natureza hostil. Os serviços médicos prestados pelos missionários poderiam ser vistos como caridade, visto as adversidades enfrentadas, mas assume uma conotação política, pois desde os tempos remotos e em diversas culturas, os homens que curam levam consigo uma autoridade e profunda valorização.

Para o estudo e desenvolvimento deste trabalho foram selecionadas algumas fontes documentais produzidas no século XVI. Os atentos exploradores europeus, recém chegados nas terras brasileiras, não escondem o seu encantamento e curiosidade ao tecer relatos detalhados sobre aquele mundo natural. Os documentos escritos por missionários, viajantes e colonizadores possibilitaram a compreensão do modo em que os elementos botânicos medicinais, dentro da percepção do meio natural, influenciaram na vida nos trópicos, visto que foram constantemente citados e descritos nessas fontes.

Diante das inúmeras nacionalidades e ocupações dos viajantes além-mar, destacamos as ações dos missionários, que diante dos duros desafios de sobrevivência e subsistência, conseguiram produzir descrições sobre a farta natureza tropical e, ainda, auxiliar na manutenção da saúde nas terras brasileiras. A colonização dos territórios recém descobertos na América possibilitou a introdução e adaptação de espécies do Novo Mundo e do Velho Mundo. O controle de informações sobre o meio natural foi imprescindível para garantir a fixação das novas sociedades que estariam por vir a partir do início da colonização. Neste processo, os soldados da fé tiveram um importante papel, ao preocupar-se em registrar e encaminhar seus escritos para a disseminação de informações na Europa.

Diante outros inúmeros registros de elementos da flora brasileira que seguiram o modelo de semelhanças, pode-se perceber a preocupação e importância dada ao sistematizá-los, seguindo uma determinada ordem. Aproximar, isolar, e encaixar os elementos, empiricamente, para estabelecer uma ordem só se tornou possível com a similitude, um mecanismo indispensável para o estabelecimento e ordenação do meio natural.

Resultados e Discussão

O mundo vegetal, ao longo da história, foi fonte de combustível e alimento. A alta dependência dos recursos naturais para o trabalho, alimentação, vestiário ou transporte (THOMAS, 1988, p.31) pode ser intimamente relacionada com a

conquista e domínio da natureza pelo homem. Dentro dos estudos sobre o mundo natural, a botânica nasce como uma tentativa de reconhecer os “usos e virtudes” destes elementos, seja para fins medicinais ou alimentícios. (THOMAS, 1988, p.33)

Com a descoberta das terras tropicais, as plantas para uso medicinal foram constantemente descritas, o que ampliou e intensificou a busca por estes elementos. Porém, as plantas, possuem a característica enganadora de parecerem semelhantes, mas serem diferentes; ou de parecerem diferente, mas serem semelhantes (STRAUSS, 1989, p.21). Partindo desta máxima, seria extremamente difícil uma efetiva utilização da flora brasileira sem a influência de conhecimentos dos nativos, que a partir da observação de seus costumes e saberes, possibilitaram o registro da botânica medicinal.

O saber sobre o ambiente e seus recursos não provoca somente a identificação e registro dos elementos, mas também relaciona-se com o ato de conhecer seus hábitos e costumes. O nativo, completamente integrado em seu meio, está em constante estudo em relação à natureza que o cerca, utilizando de métodos empíricos para julgar proveitoso o elemento, podendo agrupar e ordenar as plantas a partir de lógicas úteis e práticas. Porém, independente do agrupamento, as espécies botânicas são consideradas proveitosas porque, primeiramente, foram conhecidas e aplicadas para um fim. (SATRUSS, 1989).

Nas diversas cartas, tratados e diários sobre a natureza brasileira, pode ser identificado um notório esforço para descrever as plantas, em especial as que possuem propriedades medicinais. Em cada descrição nota-se o uso de metáforas e analogias derivadas de elementos próximos dos europeus, assim como a descrição física e as propriedades das plantas.

Gabriel Soares de Sousa ao escrever o “Tratado Descritivo do Brasil em 1587” deixa claro o uso de analogias ao descrever as plantas, como por exemplo a *Ubiracica*, relatando que a planta em questão é “(...) muito quente por natureza (...)”, modo de percepção herdado da medicina Hipocrática Galênica; desta planta “(...) fazem emplastos para defensivo da frialdade (...) para soldar carne quebrada (...) derretida é boa para esquentar feridas (...)” (SOARES, 1971, p.204), evidenciando seus proveitos e métodos de utilização.

De maneira geral, nota-se que a capacidade de identificar as virtudes de um novo ambiente é uma característica intrínseca dos desbravadores, assim como as técnicas de descrições de elementos específicos. Gabriel Soares de Sousa, por exemplo, consegue analisar o ambiente e idealizá-lo como um possível grande império, “(...) cuja terra é quase toda muito fértil, mui sadia, fresca e lavada de bons ares e regada de frescas e frias águas (...)” (SOUSA, 1971, p.39).

A baía de bons ares prometeria a formação de uma província com abundantes mantimentos e menos trabalho, além do futuro descobrimento de metais (SOUSA, 1971, p.40) resultante da simples fatura das terras. Concomitantemente ao desejo de exploração de riquezas e proveitos, as primeiras gerações dos desbravadores europeus que chegaram nas terras brasileiras dependeram totalmente do conhecimento nativo, usufruindo de um conhecimento armazenado por durante 12 mil anos, preservados na memória dos diversos povos que habitavam os trópicos.

Sem este conhecimento, os estrangeiros do Velho Mundo carenciam dos saberes que possibilitariam a fixação nos trópicos. Para Levi-Strauss (1989), os nativos, com suas faculdades aguçadas, podem notar externamente as

características de todas as espécies de seres vivos que o rodeiam, além dos fenômenos naturais (STRAUSS, 1989, p.18). Esta percepção permite uma plena utilização do meio para sua sobrevivência, estratégia explicada por Keith Thomas, já que para o autor: a natureza existe para o proveito do homem (THOMAS, 1988, p.22).

Conclusões

Com a chegada ao Novo Mundo, registrar, descrever e analisar a natureza brasileira se tornou uma maneira eficaz de conhecer o meio, e posteriormente, dominá-lo. Desde a fixação da primeira leva de descobridores, a necessidade de adaptar, sobreviver e subsistir no novo ambiente, totalmente distinto da realidade europeia, representou um dos principais desafios, sendo contornado graças aos saberes milenares dos moradores nativos.

Após a análise dos documentos produzidos no período, destacamos os elementos botânicos que auxiliavam no processo da cura como indispensáveis para a manutenção da saúde nos trópicos. Nomear, extrair, analisar e descrever seus usos, sob a égide da medicina hipocrática galênica e teoria humoral, permitiram um íntimo contato dos desbravadores com a natureza tropical. Somado com o enriquecedor conhecimento dos nativos, que graças aos seus profundos saberes, não só facilitaram o conhecimento destes elementos pelos habitantes do Velho Mundo, mas também contribuíram para sua disseminação e aclimação no território europeu, em um processo de intercâmbio ecológico (CROSBY, 2011).

Referências

- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**. Editora Companhia das Letras, 2011.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Pensamento Selvagem (o)**. Papirus Editora, 1989.
- SOARES, Francisco. **Coisas Notáveis do Brasil**. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro - Ministério da Educação e Cultura, 1966
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). **São Paulo: Cia. das Letras**, 1988.